

O OLHAR ESCONDIDO: REFLEXÕES SOBRE OS POEMAS DE CAMILO PESSANHA (“DESCE EM FOLHEDOS TENROS”) E DE WILLIAM WORDSWORTH (“NUTTING”)

Paulo de Tarso Cabrini Jr.

Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo

RESUMO: Não há qualquer relação direta entre os poetas Camilo Pessanha (1867 – 1926) e William Wordsworth (1770 – 1850) a não ser a derivação que faz, do primeiro, um herdeiro de toda a tradição romântica europeia, apto, portanto, a desenvolver temas que foram caros ao Romantismo, em geral. O propósito de nosso artigo, portanto, é verificar a semelhança entre os poemas “Desce em folhedos tenros a colina”, de Pessanha, e “Nutting”, de Wordsworth, destacando a permanência e a reelaboração, no poeta português, de temas como “a paz da Natureza” e a “personificação” da paz, largamente explorados por Wordsworth, entre outros. Usaremos, para a nossa comparação, os apontamentos feitos durante o estudo, recorrendo, brevemente, a autores como Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778).

PALAVRAS-CHAVE: William Wordsworth. Camilo Pessanha, Hafiz, Romantismo Inglês, *Close reading*.

ABSTRACT: Apparently, there is nothing in common between Camilo Pessanha (1867 – 1926) and William Wordsworth (1770 – 1850), both Portuguese and English poets, respectively, but the natural linking that makes the first someone who inherits all the Romantic tradition, and therefore able to write on themes that were vastly explored by his European antecessors. The purpose of our article is to point out a resemblance between their poems “Desce em folhedos tenros a colina” and “Nutting”, noting the permanence, in Pessanha, of themes like “the peace of Nature” and the “personification” of this peace, largely explored by Wordsworth among others. We are going to use, for this match

between the poems, solely the notes that we made during our study, briefly recurring to authors like Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778).

KEYWORDS: William Wordsworth, Camilo Pessanha, Hafez, English Romanticism, Close reading.

De início, devemos destacar o fato de que um texto que lide mormente com a literatura e com a leitura interpretativa de poemas não é o que se deseja ler, quando folheamos, ou passamos os olhos pelas páginas de uma revista dedicada à língua inglesa, em geral. No entanto, é justamente para fins de diversão e de aproveitamento espiritual que estas páginas, de meu texto, se dedicam, lembrando o axioma latino do “docere cum delectare”, função precípua da literatura, em geral. Isso quer dizer que os leitores, percorrendo os olhos por vários interessantes artigos sobre a língua inglesa e o ensino, podem descansar seus olhos na literatura, aproveitando seu tempo com o prazer que ela se propõe a dar. Os professores de inglês podem se dedicar à literatura, mas, não é essa a vertente preferida pelos docentes, como sabemos. Que este texto seja, então, um descanso e um atalho, um desvio para bosques inauditos da ficção e da fabulação.

Começo por citar um verso, ou, melhor, um par de versos de Bob Dylan (1941 –) que diz: “I’d just be curious to know if you can see yourself as clear / As someone who has had you on his mind”. Um par de versos muito difícil de se traduzir, e que poderia ser dado como: “Fico curioso em saber se você verá a si mesma / Como alguém que se viu em mim”.

Difícil de se traduzir, como se vê. Assim como estes versos, de Camilo Pessanha: “Meus olhos querem desposar-te, / Refletir-te, virgem, a serena imagem”, que poderiam ser vertidos por: “My eyes want to marry you, / Bride, in my eyes where you see you”.

Os temas da reflexão e da posse do objeto visto é comum a ambos os textos, e não se trata de tema raro, na poesia e na música. Se “vejo”, tenho na “memória”, portanto, “posso”; mas, aquele, ou aquela, a quem “posso”, ao mesmo tempo “possui” a minha memória, ou a minha visão, num jogo de mútua posse. Não sabemos, ao certo, nesses casos, quem é o “cativo” e quem é o “carcereiro”, evidenciando uma mútua dependência.

Na canção de Dylan, a “amada” pode ver, claramente, sua própria imagem num espelho, tanto quanto o poderia na memória do eu-lírico. No poema de Pessanha, o mesmo: a “amada” pode ver a si mesma nos olhos do eu-lírico (e em sua memória), tão claramente como se fosse num espelho.

Obviamente, a diferença entre o “espelho” e os “olhos” está no fato de que, por trás de um espelho, não há uma consciência que fixa, que trabalha sobre o “visto”, enquanto, atrás dos “olhos”, há uma consciência que trabalha a percepção, continuamente, na “memória”.

Essa introdução ao nosso assunto apenas nos serve para colocar em destaque o poema “Desce em folhedos tenros a colina”, de Camilo Pessanha (1867 – 1926), que tem sido uma de nossas obsessões, desde a conclusão de nossa tese de doutorado. O valor da introdução está, pelo menos, em chamar a atenção para este soneto, um dos mais belos e complexos da língua portuguesa:

“Desce em folhedos tenros a colina,
Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardididos,
Onde a chama do furor declina.

Oh! Vem! De branco! Do imo da folhagem.
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Vem! Meus olhos querem desposar-te!
Refletir-te, virgem, a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar cor de rosa viva!

Ligeira a saia. Doce brisa impele-a.
Oh! Vem! Do imo do arvoredos.
Alma de silfo, carne de camélia.”

Leia-se, atentamente, o poema de Pessanha, repare-se no caminho seguido por uma “presença” feminina e leve, ligeira, que é chamada à vida, desde o imo da Natureza. E comparemo-la a esta outra figura feminina, evocada ao final de “Nutting”, de William Wordsworth (1770 – 1850):

“It seems a day
(I speak of one from many singled out),
One of those heavenly days that cannot die,
When forth I sallied from our cottage-door,
And with a wallet o'er my shoulder slung,
A nutting crook in hand, I turn'd my steps
Towards the distant woods, a Figure quaint,

Trick'd out in proud disguise of Beggar's weeds Put on for the occasion, by
 advice And exhortation of my frugal Dame.
 Motley accoutrement! of power to smile
 At thorns, and brakes, and brambles, and, in truth,
 More ragged than need was. Among the woods,
 And o'er the pathless rocks, I for'd my way
 Until, at length, I came to one dear nook
 Unvisited, where not a broken bough
 Droop'd with its wither'd leaves, ungracious sign
 Of devastation, but the hazels rose
 Tall and erect, with milk-white clusters hung,
 A virgin scene! – A little while I stood,
 Breathing with such suppression of the heart
 As joy delights in; and with wise restraint
 Voluptuous, fearless of a rival, eyed
 The banquet, or beneath the trees I sate
 Among the flowers, and with the flowers I play'd;
 A temper known to those, who, after long
 And weary expectation, have been bless'd With sudden happiness beyond
 all hope.

– Perhaps it was a bower beneath whose leaves
 The violets of five seasons reappear
 And fade, unseen by any human eye,
 Where fairy water-breaks do murmur on
 For ever, and I saw the sparkling foam,
 And with my cheek on one of those green stones
 That, fleec'd with moss, beneath the shady trees,
 Lay round me scatter'd like a flock of sheep,
 I heard the murmur and the murmuring sound,
 In that sweet mood when pleasure loves to pay
 Tribute to ease, and, of its joy secure
 The heart luxuriates with indifferent things,
 Wasting its kindness on stocks and stones,
 And on the vacant air. Then up I rose,
 And dragg'd to earth both branch and bough, with crash
 And merciless ravage; and the shady nook Of hazels, and the green and
 mossy bower
 Deform'd and sullied, patiently gave up
 Their quiet being: and, unless I now
 Confound my present feelings with the past,
 Even then, when from the bower I turn'd away,
 Exulting, rich beyond the wealth of kings I felt a sense of pain when I
 beheld The silent trees and the intruding sky.

Then, dearest Maiden! move along these shades
 In gentleness of heart with gentle hand
 Touch — for there is a Spirit in the woods.”

Os últimos versos lembram, muitíssimo, a cena descrita no poema de Pessanha, por conta de uma “presença” feminina (*Maiden*), não-encarnada, mas, apenas desejada, ou ansiada (“dearest Maiden! move along (...)”).

Examinemos melhor estes versos: “Then, dearest Maiden! move along these shades / In gentleness of heart with gentle hand / Touch – for there is a Spirit in the woods”. Aparecem como a conclusão da dolorosa experiência pela qual o eu-lírico teria passado, nos bosques (“Then up I rose, / And dragg’d to earth both branch and bough

(...)”). Nesse momento, portanto, o “Espírito” dos bosques é evocado como recompensa, refrigério e consolo, na mesma disposição com que Pessanha invoca uma dama “de branco”, que desaparece, no vento (“ligeira a saia”), e que tem “alma de silfo” e “carne de camélia”.

O “casamento”, que é um tema ostensivo, no poema de Pessanha, é apenas vislumbrado como um breve, mas conclusivo convite, em Wordsworth: “Move along these shades”, mesmo pedido formulado em: “Vem! De branco! Do imo da folhagem” e, depois, “do imo do arvoredo”. “In gentleness of heart with gentle hand” lembra “Os ramos, leve, a tua mão aparte”. “Touch”, palavra conclusiva, no poema de Wordsworth é o momento crucial; entretanto, não há qualquer conclusão, enquanto temos, em Pessanha, uma conclusão que pode soar triste: o “toque” é o momento que marca o desaparecimento, a volta ao “mundo espiritual” daquela que estava vindo atender ao apelo de materialização e de concretização, neste momento: “De silva doida uma haste esquiva / Quão delicada te osculou num dedo / Com um aljôfar cor de rosa viva!”; o toque de um espinho, ferindo, levemente, o dedo da mão que ultrapassava a fronteira entre o “bosque” e o eu-lírico, é o suficiente para que a “saia” (metonímia do “ser” feminino) se torne leve e ligeira, impelida pelo vento (“brisa”), sugerindo, então, a desaparecimento final.

Portanto, em Pessanha, temos um casamento não-realizado. Porém, em Wordsworth, o “Espírito dos bosques” pode ser de outra natureza; não um espírito “desposável”, mas um “espírito” apenas consolador.

Cabem, aqui, algumas considerações, que nos expliquem melhor o significado do poema “Nutting”, ou, ao menos, que proporcionem uma visão mais acurada sobre o seu significado. Uma coincidência (ou, o que nos parece ser uma coincidência) nos leva a pensar em uma ligação entre “Nutting” e outro poema das *Lyrical Ballads*, intitulado “Three years she grew”. A coincidência está em que o segundo poema (“Nutting”), desde a segunda edição do livro, de 1800, sucede o primeiro, causando um perturbador efeito de ressonância. Examinemos, pois, “Three years she grew”, para maiores discussões:

“Three years she grew in sun and shower,
Then Nature said, ‘A lovelier flower On earth was never sown;
This Child I to myself will take, She shall be mine, and I will make A Lady
of my own.

‘Myself will to my darling be
Both law and impulse, and with me
The Girl in rock and plain,
In earth and heaven, in glade and bower, Shall feel an overseeing power To
kindle or restrain.

‘She shall be sportive as the fawn
That wild with glee across the lawn
Or up the mountain springs,
And hers shall be the breathing balm, And hers the silence and the calm Of
mute insensate things.

‘The floating clouds their state shall lend
To her, for her the willow bend,
Nor shall she fail to see
Even in the motions of the storm Grace that shall mould the Maiden's form
By silent sympathy.

‘The stars of midnight shall be dear
To her, and she shall lean her ear
In many a secret place
Where rivulets dance their wayward round,
And beauty born of murmuring sound Shall pass into her face.

‘And vital feelings of delight
Shall rear her form to stately height,
Her virgin bosom swell;
Such thoughts to Lucy I will give
While she and I together live

Here in this happy dell.’

Thus Nature spake—The work was done—
 How soon my Lucy's race was run!
 She died and left to me
 This heath, this calm and quiet scene,
 The memory of what has been,
 And never more will be.”

Na história da literatura inglesa, sabemos que Wordsworth compôs vários poemas dedicados a um personagem (Lucy), que, em geral, é tratado como símbolo da inocência preservada, pela morte, na natureza (e na memória dos vivos).

Segundo a série de poemas, conhecida como “the Lucy poems” (“ciclo luciano”, como poderia ser chamado, em português), a garotinha Lucy teria falecido em tenra idade, sendo, a sua graça e beleza, sempre lembradas como um adorno festivo da memória do poeta e como um adorno festivo da própria Natureza, “mãe” que presenteia e alija, constantemente, os seus presentes, transformando-os.

Em “Three years she grew”, como vimos, a Natureza é personificada como Mãe que reclama, de volta, aquele ser que, por três anos, humanizou; temos, portanto, um retrato doloroso do poeta (eu-lírico), que, experimentando, por três anos, a presença de “ser” tão gracioso, passa pela experiência da ausência e transformação desse “ser” segundo a vontade da Natureza, sublime e implacável, não necessariamente nessa ordem.

Em conexão com “Nutting”, obtemos uma imagem extremamente dolorosa, pois, o “devoto da Natureza” (the “worshipper of Nature”, como Wordsworth diz, de si mesmo, em “Tintern Abbey”, de 1798) reconhece, ainda, a doçura e o poder maravilhoso da Criação, mas lamenta, humanamente, a desapareição e a espiritualização dos seres (queridos) criados, num movimento de aceitação e de não-aceitação do fato natural da morte.

Obviamente, temos, também, um tema rousseauiano, quando a Natureza reclama a menininha, de volta, para si, justamente por ser uma joia que merece viver livre (“sportive as the fawn”), antes, portanto, que a sociedade dos homens e mulheres a corrompa.

Lucy torna-se, então, parte da Natureza que o poeta, embora carregue o luto profundo pelo desaparecimento do “ser” querido, reconhece ser amável, e até materna. Para o eu-lírico de “Three years she grew”, a Natureza continua a ser a abençoada Matriz personificada da vida, e, teoricamente, ganha até mais “graça”, pela nova presença (Lucy) que a habita em Espírito: neste ponto é que nos perguntamos se o “Espírito dos bosques”, em “Nutting”, não será, veladamente, o espírito da falecida Lucy?

Há, em “Three years she grew”, uma espécie de evolução: de “girl in rock and plain” até “maiden’s form”, uma transformação dada pelos movimentos graciosos da tempestade (“mould the Maiden’s form”). Portanto, Lucy poderia bem ser a “Maiden” implorada em “Nutting” (“Then, dearest Maiden! move”), pronta a assumir um papel de “Espírito dos Bosques”, após todas as transformações e experiências maravilhosas prometidas pela Mãe Natureza.

Sendo assim, a raiva inexplicada do eu-lírico, em “Nutting” (que “subitamente se levantou” e destruiu “both branch and bough”, com “crash and merciless ravage”) pode se ligar à perda daquele ente querido, descrito no poema posterior (“Three years she grew”), habitante, agora, dos bosques silenciosos e murmurantes. Uma possibilidade dada, em primeiro lugar, pela abertura de significados de “Nutting”, e, depois, pela coincidência de sucessão dos poemas.

A Natureza, sempre amável, mas, também, impiedosa, aparece-nos, desta forma, como um objeto de adoração e de ira, por parte do eu-lírico, que, quebrando o “quiet being” da Natureza (“and the shady nook / Of hazels, and the green and mossy bower / Deform’d and sullied, patiently gave up / Their quiet being”), liberta o Espírito escondido, cujo lugar de paz foi perturbado, assim como o céu, descrito como um “intruso” no ambiente silencioso das árvores (“I felt a sense of pain when I beheld / The silent trees and the intruding sky”). Essa mesma “intrusão”, em “Nutting”, é sugerida

por todo o cenário descrito anteriormente à fúria; um cenário cujo verso “a virgin scene!” resume perfeitamente. Um *locus* de doçura e virgindade, somente perturbado pela raiva inexplicável do eu-lírico, que atribuímos à dupla vontade de manifestar o desgosto e a raiva pela morte da menininha, e à tentativa desesperada de libertá-la, trazendo-a, um pouco, que fosse, de volta à vida.

Nesse caso, a quebra de “bough and bower” seria a sua “música de Orfeu”, para chamá-la de volta à vida. Se essa leitura estivesse correta, estaríamos diante de uma “queda” humana, compreensível, mas, sempre, lamentável, no egoísmo, que, por meio da força e da violência, procura alcançar os objetivos que lhe gritam mais no coração, sem atentar para a paz e o sossego alcançados por aqueles que, no pensamento de Wordsworth, foram “unidos, em graça, à Natureza”. Cai-se numa tentação do ego, e essa tentação é reconhecida e lamentada, pelo eu-lírico, antes do convite final e decisivo: “Even then, when from the bower I turn’d away, / Exulting, rich beyond the wealth of kings / I felt a sense of pain when I beheld / The silent trees and the intruding sky”, versos que resumem o estado de espírito que seria desenhado em “Three years she grew”, ou seja: um paradoxo de tristeza e alegria pelo Ser da Natureza, em si, alternadamente tornando as suas criaturas visíveis e invisíveis, e nem sempre ciosa das vontades dos seus “devotos”.

Diante da Natureza, portanto, Wordsworth aparece, nestes poemas, como um pecador, e reconhece o seu estado.

Mais conformado com a apenas espiritualidade do seu “ser” amado, Camilo Pessanha imprime a admiração por esse “ser” feminino que habita a Natureza, e que tenta, ao menos, atender o seu apelo (oração compungida!) para materializar-se.

Frustrada essa tentativa, por inadvertida violência delicada da Natureza-Mãe, a jovem volta a desaparecer, antes mesmo de ter, de fato, aparecido (“uma haste esquiva / Quão delicada te osculou num dedo / Com um aljófar cor de rosa viva! / Ligeira a saia.”).

O tema da “presença/ausência” de uma personagem feminina amada é muito frequente, nos poemas de Pessanha, como um todo, sendo esse poema (“Desce em folhedos tenros”) um dos mais

expressivos dessa temática. Em Wordsworth, o tema não é tão presente, mas, notamos que, de forma “dramática”, ele aparece ao final de “Nutting”, e parece se formar, previamente, em “Three years she grew”.

Wordsworth parece ver mais castidade, na Natureza, enquanto Pessanha é um poeta notoriamente sexual, sensual, capaz de desafiar a Morte (ou, a Natureza) para obter o objeto puramente espiritual de seus desejos, como se vê no soneto conhecido como “Esvelta surge!”: “A hidra torpe! Que a estrangulo! Esmago-a! / De encontro à rocha, onde a cabeça te há-de, / Com os cabelos escorrendo água, / Ir inclinar-se, desmaiar de amor, / Sob o fervor da minha virgindade / E o meu pulso de jovem gladiador”.

Nada há mais ousado do que salvar da Morte, do perigo, do desaparecimento, aquela que “surge!”, numa “concha alvinitente”, vinda do fundo do “Mar” da memória, ou da consciência:

“Esvelta surge! Vem das águas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a bocca por beijar a tua.

Sem vil pudôr! Do que ha que ter vergonha?
Eis-me formoso, môço e casto, forte.
Tão branco o peito!—para o expôr á Morte...
Mas que ora—a infame!—não se te anteponha.

A hydra torpe!... Que a estrangulo... Esmago-a
De encontro á rocha onde a cabeça te ha-de,
Com os cabellos escorrendo agua,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso de jovem gladiador.”

Imprimimos a versão de 1920, do poema, sem alterar-lhe a escrita, a grafia “etimológica”, tão ao gosto de Pessanha. Mas, esse detalhe formal não altera a vontade de imprimir a busca da fixação do “vago”, do “impreciso”, do “fugaz”, tão característico do Simbolismo, em geral. De desejos insatisfeitos, porque impossíveis, apenas espirituais, é feita boa parte dos poemas “frustres” de

Camilo Pessanha. Mas, temos assente que atestamos bem o caráter diverso das “damas” espirituais que habitam o imaginário dos dois poetas em questão. Em termos gerais, cada um deles expressa uma versão própria do platonismo que lhes é comum. Mas, resta-nos é ressaltar a semelhança do cenário virgem, florestal e solitário de ambos os poemas principais do nosso estudo; resta-nos marcar como semelhantes os chamados por uma “dama”, depois da dor (em Pessanha, representada pelos “olhos ardidos”, e, em Wordsworth, representada pela cena de violência a que já aludimos); notamos, também, que ambos os poetas assumem uma atitude “devota” perante esse “ser” imaterial que, em regra, promete alívio e consolo, sendo, a atitude de Pessanha, muito mais sensual do que a atitude compungida de Wordsworth.

Uma série de ilações poderia ser tirada a partir das simbologias do “bosque”, por exemplo. Psicologicamente, o “bosque” poderia representar o inconsciente. Mas, não queremos entrar no reino da Psicologia, contentando-nos com as imagens poéticas.

Por fim, há um verso de Hafiz (1325 – 1390) que diz: “The dark of my eye is your resting place”; “A escuridão do meu olho é o teu lugar de descanso”; ou “A escuridão do meu olho é para você descansar”. Acho pertinente tecer algumas considerações, a partir deste verso, já que falamos tanto, e, principalmente, no início do artigo, sobre os “olhos” e a “posse”. Temas pertinentes, também, a cada um dos poemas principais que analisamos. Fechar os olhos, absorver, na memória, apenas a “presença” daquilo que é onipresente. Aquilo que, nas palavras de Hafiz, “sara todas as feridas”:

“Enter, and reside there, it belongs to you.

Nightingale!

Enjoy the rosinness of the Beloved's cheeks, Your song is celebrated by all.

The Beloved's tender lips cure all ills,
The Beloved's treasure-house is filled with rubies.

My body may not always have you near, But my heart is always the
gateway to your resting place.

My heart would never permit a cheaper love to enter it, The treasure-house
of my heart is sealed with your magic name.

Since the world loves the Beloved, I must Love the world. If Heaven too is
in Love, then how can Hafiz be a sinner?

Hafiz, your poetry makes Heaven shine, your sweet words make well-
earned your fame.”

Entende-se uma grande consolação, para o que é desejado sem qualquer possibilidade de
conquista.

Estudar Camilo Pessanha, invariavelmente, é chegar à conclusão de que o “místico”, em sua
poesia, é um “místico frustrado”. Em “Imagens que passais pela retina de meus olhos”, por exemplo,
um de seus sonetos mais conhecidos, temos a busca pela fixação do “passageiro”, que todo “místico”
é aconselhado a deixar passar. E, como já notamos, a maior parte de seus poemas anuncia um encontro
com o “espiritual” que nunca é realizado:

“Se andava no jardim, Que cheiro de jasmim!
Tão branca do luar!

.....
.....
.....

.....
.....
.....

Eis tenho-a junto a mim. Vencida, é minha, enfim, Após tanto a sonhar...

Porque entristeço assim?...
Não era ella, mas sim
(O que eu quiz abraçar),

A hora do jardim...
O aroma de jasmim...
A onda do luar...”

Em conexão com o poema de Hafiz, impresso anteriormente, a claridade e o colorido dos
meus olhos não é o lugar de descanso, mas, de turbulência, de desvario e de impermanência. Somente

a escuridão de um olho é o lugar onde a espiritualidade pode descansar. E vice-versa. Como já demonstramos, no início de nosso trabalho, a memória é o lugar onde “temos” e “somos possuídos” pelas imagens que temos. A

“posse espiritual” é algo difícil de se acostumar, sabemos-lo pelos ímpetos de realização da juventude. E pelos desesperos que nos tomam quando da perda dos entes queridos.

No entanto, essa vivência “espiritual” é ensinada e passível de manuseio, se é que o verbo não nos trai. Como no caso dos “reflexos”, aludidos anteriormente, não sabemos se a vivemos ou se somos, por ela, vividos. Ou, como diria Rimbaud (1854 – 1891), em conhecida carta a Georges Izambard (1871): “C’est faux de dire : je pense : on devrait dire : On me pense.” “Penso”, ou “sou pensado”? Tais as questões que a análise dos poemas, finalmente, nos propõe. Pois, não nos sentimos sozinhos, na Natureza, em seu amplo aspecto. Nem, sequer, estamos com muita certeza de sermos o que nos é estrangeiro.

Falta, talvez, alguma alusão, em nosso ensaio, a respeito do tema do “Eterno Feminino”, mas, isso se dá pela pouca familiaridade com o conceito desenvolvido por Goethe (1749 – 1832), no século XIX. Para nós, é melhor permanecermos no tema do amor platônico. Afinal, é como “Ideia” que cada uma das “damas” se apresenta ao eulírico dos poemas que analisamos, ou que colocamos em destaque. Apenas na música de Bob Dylan, citada inicialmente, a figura feminina é, suficientemente, materializada. No mais, lidamos, basicamente, com figuras desmaterializadas, puramente espirituais. Que, por um atrevimento, ou por um desejo plenamente compreensível, são chamadas à vida material, à realização em nosso mundo das aparências. Imprimimos, por fim, o texto de Bob Dylan, completo, e temos acreditado contribuir para discussões a respeito de

“Nutting”, e de Camilo Pessanha, um poeta que apenas perpassou pelo nosso caminho como brisa:

“Perhaps it's the color of the sun cut flat
An' cov'rin' the crossroads I'm standing at, Or maybe it's the weather or
something like that, But mama, you been on my mind.

I don't mean trouble, please don't put me down or get upset,
I am not pleadin' or sayin', "I can't forget."
I do not walk the floor bowed down an' bent, but yet, Mama, you been on my
mind.

Even though my mind is hazy an' my thoughts they might be narrow,
Where you been don't bother me nor bring me down in sorrow. It don't even
matter to me where you're wakin' up tomorrow, But mama, you're just on
my mind.

I am not askin' you to say words like "yes" or "no," Please understand me, I
got no place for you t' go.
I'm just breathin' to myself, pretendin' not that I don't know, Mama, you been
on my mind.

When you wake up in the mornin', baby, look inside your mirror.
You know I won't be next to you, you know I won't be near. I'd just be
curious to know if you can see yourself as clear As someone who has had
you on his mind.

(Mama, you been on my mind, 1964)”

REFERÊNCIAS

NISARG, S. A. **Gates of wisdom: the poems of Hafiz, a new interpretation**, 2007. Disponível em: <http://mystery-school.net/pdf/hafiz.pdf>. Acessado em: 28/03/2016, p. 21.

PESSANHA, C. **Clepsydra**. Lisboa : Lusitania, 1920.

_____. Campinas (SP) : Unicamp, 1994, 262 p.

SOËTARD, M. **Jean-Jacques Rousseau**. Recife (PE) : Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 100 p.

WORDSWORTH, W.; COLERIDGE, S. T. **Lyrical ballads and other poems**. London : Wordsworth Editions, 2003, 312 p.

Recebido em: 13/04/2016
Aceito em: 31/05/2016